

CURRÍCULO MULTICULTURALISTA: UM ESTUDO SOBRE A TEORIA QUEER

John Jamerson da Silva Brito¹; Juliana Ferreira de Sousa²;

Universidade Federal do Maranhão, jamersonbritobr@gmail.com¹

Universidade Federal do Maranhão, ferreira.juliana.sd@gmail.com²

Resumo: A Teoria Queer aborda a construção das sexualidades, identidades e pós-identidades na sociedade. O presente trabalho pretende fazer um breve estudo acerca desta teoria inserida no currículo pós-crítico multicultural, de forma que a mesma irá contribuir para a formação cultural e plural dos estudantes. Primeiramente será apresentado um contexto histórico de currículo e de sua construção na educação, abordando em seguida a concepção de currículo pós-crítico e multicultural, onde será apresentada a teoria queer dentro dessa categoria de currículo. A metodologia utilizada nesse trabalho parte de revisões bibliográficas (livros e artigos) que abordam a temática proposta, identificando ideias e pontos que possam favorecer o desenvolvimento da educação para a diversidade, a partir da teoria queer dentro do currículo multiculturalista.

Palavras-chave: Teoria Queer, Multiculturalismo, Currículo Pós-Crítico.

Considerações Iniciais

O currículo multicultural surge dentro da Teoria Pós-Crítica de Currículo, como uma vertente que trabalha as questões a respeito de Gênero, Raça e Sexo. De forma que a educação possa abranger todas essas temáticas, com uma perspectiva crítica e não apenas na visão de apresentação ou discussão das mesmas, mas partindo de construção e de constituição das relações de poder que envolvem as mesmas.

A concepção de currículo é bastante abrangente, mas utilizando Sacristán (2010), entendemos currículo como uma práxis que permeia a aprendizagem do aluno, por meio dos conteúdos que determinada instituição trabalha, dialogando com os alunos e com o conhecimento. O currículo modifica-se ao longo dos anos, surgindo diversas teorias e concepções dentro do mesmo, de forma que a pós-crítica e multicultural se mostra como a mais abrangente, no que tange a representatividade e a exploração e entendimento daquilo que consideramos ser a pluralidade cultural, de raça e gênero.

Desta maneira o presente trabalho tem o objetivo de apresentar a concepção de currículo, para em seguida abordar o conceito de currículo multicultural, e de Teoria Queer, apresentando a real importância da inserção dos mesmos no modelo educacional em vigor, partindo da concepção que a diversidade e a pluralidade se fazem presentes em todos os âmbitos sociais e educacionais.

Utilizando-se de reflexões por meio de estudos bibliográficos, apresentam-se algumas pontuações a respeito, da construção desses conceitos, e desses currículos, para que os

mesmos possam contribuir na constituição total e plena dos alunos, como seres críticos, que entendam, compreendam, e possam respeitar todas as diversidades e culturas existentes, e não apenas aceitar, como o currículo tradicional demonstra.

Teoria Curricular: Concepções introdutórias

O currículo é uma práxis antes que um objeto estático emanado de um modelo coerente de pensar a educação ou as aprendizagens necessárias das crianças e dos jovens, que tampouco se esgota na parte explícita do projeto de socialização cultural nas escolas. É uma prática, expressão, da função socializadora e cultural que determinada instituição tem, que reagrupa em torno dele uma série de subsistemas ou práticas diversas, entre as quais se encontra a prática pedagógica desenvolvida em instituições escolares que comumente chamamos de ensino. O currículo é uma prática na qual se estabelece diálogo, por assim dizer, entre agentes sociais, elementos técnicos, alunos que reagem frente a ele, professores que o modelam (SACRISTÁN, 2010, p.15-16)

Existem diferentes concepções a respeito do conceito de Currículo, entretanto para Sacristán, ele se refere ao mesmo como um conjunto de práticas que cada instituição tem, para desenvolver em conjunto com seus alunos e professores, de forma que possam estabelecer um diálogo coerente, e conciso, para que a aprendizagem ocorra de forma satisfatória.

Entretanto, ressalva-se que *cada* instituição deve ter o seu Currículo voltado para a sua realidade, e para as especificidades que aquela localidade apresenta, todavia, isso não ocorre no atual modelo e sistema de ensino, pois o currículo é visto apenas como um local em que os conteúdos são estabelecidos, e que os professores devem seguir a risca, transmitindo para os alunos, aqueles conhecimentos, que são vistos como os necessários.

Esse modelo curricular existente prende os professores e os alunos, de forma que os mesmos aprendem de maneira padronizada e fixa, por muitas vezes sem compreender, ou discernir criticamente, além de que não possuem qualquer contato com a realidade contextualizada. Para Martins (2004):

No currículo descontextualizado não importa se há saberes; se há dores e delícias; se há alegrias e belezas. A educação que continua sendo “enviada” por esta narrativa hegemônica, se esconde por traz de uma desculpa de universalidade dos conhecimentos que professa, e sequer pergunta a si própria sobre seus próprios enunciados, sobre seus próprios termos, sobre porque tais palavras e não outras, porque tais conceitos e não outros, porque tais autores, tais obras e não outras. Esta narrativa não se pergunta sobre os próprios preconceitos que distribui como sendo seus “universais”. Desde aí o que se pretende é, portanto, colocar em questão estes universais. O que está por traz da idéia de “Educação para a convivência com o Semi-Árido” é, antes de qualquer coisa a defesa de uma contextualização da educação, do ensino, das metodologias, dos processos (p.31-32).

Percebe-se que a educação sempre foi usada então como um instrumento, tanto de formação, quando de instrução, para a transmissão das técnicas de trabalho, formando as

peçoas para o mercado de trabalho, sem qualquer preocupação com o desenvolvimento de sua criticidade. Apesar de serem teorias e concepções trabalhadas há um bom tempo, elas estão presentes até hoje, por onde se observa que muitas das escolas preparam os cidadãos para serem simples trabalhadores, sem discernimento crítico e servindo apenas aos interesses sociais e capitalistas.

O currículo é um dos fatores primordiais nessa propagação, pois o mesmo é colocado como imutável, tendo que ser seguido ao pé da letra, sem qualquer alteração, mantendo todos amarrados em conteúdos, e em grande parte das vezes metodologias que dificilmente formará cidadãos com a criticidade mais apurada. Além de quê eles sairão da escola, como “soldados” do trabalho, sendo levados unicamente para o mercado, para a produção, sem que possam sair desse modelo, pois é considerado errado quando alguma escola, ou local tenta implementar.

A educação, como complexo que serve para a reprodução social, na sociedade de classes sob a égide do capital, torna-se lócus privilegiado para a reprodução das relações sociais alienadas. Assim sendo, a classe dominante faz da educação – em seu sentido estrito – um espaço fecundo para a disseminação das suas ideias e dos seus interesses. Então partindo desse pressuposto, podemos dizer que a educação, mediação ineliminável no processo de reprodução social, vem assumindo direcionamentos diferentes em cada momento histórico e, assim, atendendo historicamente de forma eficaz aos interesses do capital (FRERES; RABELO, 2008, p. 02).

Em cada período histórico, o currículo é moldado para atender as necessidades daquele momento vigente, entretanto a sua configuração nunca se altera, sempre mantendo como um propagador universal dos ideais, tanto da sociedade, quanto do governo.

Dentro desta concepção de currículo, surge a teoria pós-crítica, baseada em concepções marxistas e weberianas, na qual o multicultural, a quebra da hegemonia tradicional é posta em prática, pois trás um novo paradoxo em que os fenômenos da diversidade precisam ser incluídos dentro de um currículo e que possa atender a demanda de englobar toda a diversificação que o ser humano apresenta.

O currículo pós-crítico multiculturalista na sociedade

A pluralidade cultural, de gênero, de raça, e de forma geral do próprio ser humano, obriga a educação a se reorganizar, e incluir em seu currículo o multiculturalismo, a inserção, antes negada, de todas as diversidades. Dessa forma surge o Currículo Pós-crítico Multicultural.

Este tipo de currículo surge do debate, sobre a centralidade e a diferenciação de poder, no qual são escolhidos quais temas e conhecimentos devem fazer parte da educação

curricular, enquanto outros são deixados de fora, devido às relações conflitantes que impõe uma classe, como superior dentre as demais. Desta maneira diversos conhecimentos são colocados a parte, e definidos como marginais e não importantes dentro da educação.

Em contrapartida nasce o Currículo Pós-Crítico Multicultural, que traz a educação como um campo de debates, um espaço plural para a construção e desconstrução das identidades, onde serão dados significados, e serão na verdade construídos significados para aquilo que antes era negado no antigo currículo, ademais que era considerado desnecessário.

O currículo multicultural parte de uma perspectiva tanto histórica, quanto social, ao passo em que é mutável e pode variar de acordo com cada período, e ao mesmo tempo é construído pouco a pouco, dependendo da época, e da conjuntura vigente.

As teorias pós-críticas ampliam e, ao mesmo tempo, modificam que as teorias críticas nos ensinaram. As teorias pós-críticas continuam a enfatizar que o currículo não pode ser compreendido, sem uma análise das relações de poder nas quais está envolvido. Nas teorias pós-críticas, entretanto o poder torna-se descentrado. O poder está espalhado por toda a rede social. (...) Com as teorias pós-críticas, o mapa do poder é ampliado para incluir os processos de dominação centrados na raça, na etnia, no gênero e na sexualidade (PAVAN, 2007 apud SILVA, 2004, p.6).

Dentro da vertente pós-crítica, o currículo multicultural traz todos esses debates a respeito dos processos, tanto de construção, desconstrução e dominação de raça, etnia, gênero e sexualidade. Incluído na educação e no currículo propriamente um debate sobre essas questões marginalizadas, ao passo que o currículo tradicional coloca em xeque essas temáticas apenas nos temas considerados “transversais”, de forma rápida e nada crítica, pois trata apenas de apresentar brevemente conceitos a respeito, deixando aquém do esperado.

As narrativas contidas no currículo, explícita ou implicitamente, corporificam noções particulares sobre conhecimento, sobre formas de organização da sociedade, sobre os diferentes grupos sociais. Elas dizem qual conhecimento é legítimo e qual é ilegítimo, quais formas de conhecer são válidas e quais não o são, o que é certo e o que é errado, o que é moral e o que é imoral, o que é bom e o que é mau, o que é belo e o que é feio, quais vozes são autorizadas e quais não o são. As narrativas contidas no currículo trazem embutidas noções sobre quais grupos sociais podem representar a si e aos outros e quais os grupos sociais podem apenas ser representados ou até mesmo serem totalmente excluídos de qualquer representação (PAVAN, 2007 apud SILVA, 1995, p.7).

O currículo é de extrema importância dentro dos processos de aculturação social, como relata Silva (1995), o mesmo traz embutidas noções que constroem concepções na sociedade, de forma que marginalizam determinadas culturas, raças e sexos, enquanto exaltam outros. Desta maneira ressalta-se que o mesmo (currículo) deve trabalhar todas vertentes culturais, sociais, raciais, de forma que seja construído um debate, e que aqueles que estejam participando do processo sintam-se incluídos, e não é apenas o professor que deve trabalhar

essas questões, mas criar um diálogo com os alunos, de forma que os mesmos possam refletir sobre os papéis sociais existentes, sobre as concepções transmitidas como unicamente “certas”.

Construção e inserção da sexualidade: A Teoria Queer

Butler discorre: “[...] o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo” (2013, p. 24). Desta forma a sexualidade pode ser entendida como um fenômeno cultural, que como tal está inserido nos mais variados âmbitos, e precisa ser estudada, pesquisada, para que se entenda e possa desmistificar e quebrar diversos pré-conceitos e paradigmas impostos ao longo dos anos, em relação a essa temática.

Quando se refere à sexualidade, de modo específico a homossexualidade, sempre a barreiras e tabus que precisam ser vencidos, pois a sociedade já tem uma concepção do que para eles é considerado “certo ou errado”, “normal ou anormal”. Através disso, aqueles que são considerados diferentes, são escachados e segregados, pois não se adéquam ao padrão comumente vigente.

A declaração “É uma menina!” ou “É um menino!” também começa uma espécie de “viagem”, ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir determinado rumo ou direção. A afirmativa, mais do que uma descrição, pode ser compreendida como uma definição ou decisão sobre um corpo (LOURO, 2008, p. 15).

Esse padrão se for analisado de forma profunda e dinâmica, compreende-se pela formação biológica do ser, e não sua formação social ou cultural, na qual se prendem aquilo que é definido como único, se for um menino é necessário que goste exclusivamente de menina, pois de alguma forma isso foi definido, e da mesma maneira o inverso, menina deve gostar de menino. Tudo se define pela simples genitália e características que os indivíduos nascem, sem qualquer respeito ou entendimento em relação ao emocional, ou psicológico deles.

O fator *biológico* supera os demais, deixando que os adjacentes se tornem coadjuvantes na construção da sexualidade do indivíduo. Desde pequenos essas concepções são apresentadas, pode se dizer até mesmo antes de nascer, pois os pais já escolhem as roupas, decoração e demais objetos baseado no sexo do bebê, no qual o determinismo de cor é crucial: azul para menino e rosa para menina.

Como Foucault (2004, p. 59) apresenta: “[...] porque os sujeitos continuam a ignorar o que é da ordem da sua sexualidade e do seu desejo que existe toda uma produção social de

discursos sobre a sexualidade, que eram também discursos errôneos, irracionais, afetivos, mitológicos”. O meio social construiu e transmite esses conceitos incorretos, e mantém sempre forte essa propagação, a definição do que é para menino e menina é claro na sociedade, não importa para onde você olhe, sempre haverá coisas que definirão o sexo.

Antes consideradas minorias e inferiores, hoje se apresentam como uma força vigente e emergente, que mostra cada vez mais suas faces, na constata e permanente luta por sua afirmação dentro do âmbito social. A complexidade que se mostra é essencial para as divergências crescentes, pois da mesma forma que ganham visibilidade e apoio, provocam o ódio e a discriminação por estarem “se abrindo” dentro do meio social. É nesse ponto que a construção de uma política de identidade, ou talvez de pós-identidade faz-se necessária.

A desconstrução da sociedade

A modernidade, e considerando até mesmo a pós-modernidade concebe um novo modo de ver e interagir com os homossexuais, como Louro (2008) refere-se, a homossexualidade vem transcender as barreiras sociais criadas, ela ocorre em qualquer dimensão cultural, desde o mais rico ao mais pobre, negro, branco, e isso ao mesmo tempo em que a torna um fator de segregação, a torna também um fator de união, de junção de diversas raças, etnias, classes, em uma causa única, a luta pelo simples direito de ser respeitado e ser tratado igualmente a todos.

O homem é, portanto, um ser que resulta do meio cultural, na qual recebe uma vasta cadeia de conhecimentos e de experiências, que o moldam a ser como a sociedade propõe e agir de acordo com os preceitos e normativas impostas pela mesma. Esse processo tido como aculturação, ocorre em todos os momentos de vida, em todas as etnias e locais existentes, pois o ser social decorre disso, o contato e a troca de experiências com os demais da mesma espécie (LARAIA, 1986, p. 45).

Entretanto, faz-se necessário destacar que é nesse ponto que a cultura precisa não apenas ser modificada, mas compreendida. Apesar de serem difundidos culturalmente, as ideias e pensamentos, podem se modificar dependendo do conhecimento e das relações adquiridas posteriormente, através das informações e da propagação do que é entendido sobre sexualidade. Sabe-se que os conceitos a todo o momento mudam, então porque continuar presos sempre ao mesmo pensamento retrogrado e arcaico?

A normalização e a heteronormatividade da sociedade são as principais opressoras da homossexualidade, e da diversidade sexual existente, partindo do enfrentamento delas, que a teoria Queer foi criada, como Louro (2008, p. 38) explica: “Queer pode ser traduzido por

estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais”. Queer define-se então como uma construção não apenas biológica, mas social da sexualidade, na qual vai quebrar os tabus normativos e mostrar que o diferente na verdade é bom.

Desconstruir e descentralizar os velhos ideais e preceitos é importante nessa vertente teórica, pois através dessa desconstrução da atual concepção de sexualidade existente, que se alcançará a construção da pós-identidade, de uma nova sociedade que visa à quebra das hierarquias sexuais dominantes, e abra espaço para a equidade social acerca da sexualidade, contudo é necessário primeiro quebrar os paradigmas, para em seguida construir uma sociedade igualitária.

A ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a “cultura” relevante “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de lei, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino (BUTLER, 2013, p. 26).

A construção e constituição de gênero existente são determinadas aos corpos, está presa a ideia do corpo masculino e do corpo feminino, ela está enraizada de forma que qualquer outra constituição seria desprezada e marginalizada. A “cultura” como Judith Butler comenta, não é a cultura plural, a cultura que respeita, mas aquela cultura que segrega e prega o etnocentrismo, a única e absoluta verdade. E através dessa cultura que se construiu a atual definição e concepção de sexualidade e gênero.

Nesse ponto, os teóricos Queer adentram com o conceito de desconstrução, tanto social, quanto cultural, não obstante apenas apresentar as definições, mas compreende-las, se faz necessário o entendimento da pluralidade sexual, da diversidade. O mundo não é uma bolha onde tudo é unicamente imutável, mas sim um lugar onde as coisas a todo o momento estão em constante movimento, está em contato, em troca, em choque, porque dessa forma se faz a construção da pós-identidade, com o conhecimento e a troca de experiências, pois é comprovado que o gênero não é determinado, estático, mas algo fluído que está em constante alteração.

Educação pós-identitária: uma pedagogia queer no currículo

Teoricamente a escola, e os espaços de ensino são lugares para a padronização e a normatização dos indivíduos, onde os mesmos serão inseridos no padrão social, moldados de acordo com as regras, para que não ocorra uma fuga ou punição. Então como uma educação

pós-identitária poderia ser concebida nesse espaço que por vezes se mostra muito tradicionalista?

Por mais que possa parecer difícil entender como ela se encaixaria, é algo um pouco complexo, mas de compreensão aceitável, pois se for feita uma análise de tudo que já foi relacionado à teoria Queer, entende-se que ela busca, não apenas a liberdade e a aceitação, mas a equidade nas sociedades contemporâneas, ela pretende trazer à tona todas as facetas da diversidade sexual, e demonstrar que cada qual com suas características e diversidades são inter-relacionadas e essenciais, na qual nenhuma supera ou é melhor que a outra, portanto ela busca modificar a mentalidade, expandir os pensamentos, utilizando-se do senso crítico, da geração de nova cultura, que consequentemente advêm da educação, em consequente a isso, a educação é um dos pontos-chaves para a teoria, por onde a multiplicidade de gênero poderá ser entendida e o respeito alcançado.

Queer não lida apenas com questões de gênero e sexualidade, mas sim com todas as questões e meandros sociais que envolvem respectivamente, pois são elas que constituem as mesmas. Através do pensamento Queer que a liberdade deve ser encontrada, ademais que ela impõe aos indivíduos, e os obriga a pensar, não apenas aceitar aquilo que já é cultural, mas compreender os processos de construção cultural, e quando alcançado o entendimento, construir seu próprio pensamento cultural.

A construção da identidade dentro das diversas sociedades passou por grandes transformações ao longo do tempo, sempre sofrendo por diversos segmentos, desde preconceitos, a violência, segregação entre outros fatores que fizeram dos homossexuais, fortes lutadores em defesa não apenas deles mesmos, mas do direito a equidade social, o direito de ser quem são.

Os estudos acerca de gênero e sexualidade se intensificaram, a própria contemporaneidade é um fator que obrigou a muitos a enxergar e ver a diversidade sexual existente. Assim iniciou-se um longo processo de desconstrução social, que ainda está em curso, na qual a sociedade começou a ver os diversos gêneros e sexos existentes, não apenas como partes exóticas da sociedade, mas como parte integrante e essencial. A diversidade existe, e precisa ser aceita e compreendida, porém, se trata de um árduo trabalho que vem sendo realizado, dentro da sociedade que precisa conceber novas ideias. Esse processo se intensifica com a junção educação/sexualidade, na qual a primeira é usada para o percebimento da segunda

Na educação ela buscaria uma reflexão por parte das pessoas acerca das diferenças, das pluralidades que todas as identidades apresentam, todavia, o grande diferencial seria não

apenas trabalhar esses eixos, mas demonstrar as instabilidades, as dificuldades, os conflitos que todas as identidades possuem. A pedagogia queer lidaria com o “outro”, mas não apenas no sentido de conhecer e nem de se colocar no lugar do outro, mas no sentido de entender, de olhar diretamente para o outro, de forma que seja compreendido por dentro e por fora. Contemplando as posições, os fatores, todo o contexto geral que cercam eles.

A polarização das normas regulatórias seria outro ponto a ser trabalhado de forma central, porque se percebe que além de serem marginalizados, os homossexuais são taxados e possuem estereótipos “comuns” advindos da heteronormatividade, a pedagogia queer lidaria com toda essa problemática, de desconstruir essa visão “clássica”. Atualmente existe uma identidade sexual dominante, que propaga a constante discriminação com as demais, pregando uma estabilidade única e absoluta, o que não condiz. Além do mais que as diversas identidades existentes possuem suas características e importâncias no meio social, elas são interdependentes entre si.

Diferente da pedagogia do oprimido, ou libertadora, a pedagogia queer não possui uma definição clara, pois a mesma não define em seus conteúdos o que é aquilo, ou como fazer aquilo, pois o que ela quer, é produzir o conhecimento, e não entregar de forma rápida uma resposta, ou uma solução. O conhecimento é o centro dela, não de forma fixa, mas fluída, sempre relacionando como as diversas identidades são conhecer, entender, relacionar, e construir discussões que ajudem nesse entendimento.

Como a própria teoria Queer é, a sua pedagogia também segue a mesma linha, ela não possui uma definição clara, ela tem apenas objetivos bem colocados, a reflexão, desenvolver o fator “pensar” nas pessoas, tal como Louro (2008, p. 53) fala: “[...] a teoria queer é, ao mesmo tempo, perturbadora, estranha e fascinante.”, talvez seja por isso que ela é tão complicada de ser posta em prática e tão retrucada pelos indivíduos normativos, pois ela propõe a reflexão, e isso quando ocorre, incomoda aqueles que não desejam o fazer.

Considerações Finais

O currículo multicultural traz uma reflexão acerca de temas, até antes negados perante a sociedade, pois eram considerados desnecessários, assuntos majoritários, que culturalmente sempre foram tratados como os mais importantes. Sendo o inverso, ele busca reflexão sobre raça, sexo, gênero, de forma que os alunos possam ter acesso a conhecimentos antes segregados, e assim construam suas opiniões, não apenas em construção patriarcais e tradicionais, mas em conjunturas sociais e diversas que permitam a formação crítica, cultural e diversa.

A teoria Queer inserida dentro deste currículo traz a possibilidade do debate de gênero, de identidade e de sexualidade no âmbito educacional, de forma muito essencial, ademais que esse tema é considerado bastante delicado, e grande parte dos professores, pais e a família de maneira geral não sabem lidar.

A inclusão do mesmo no currículo trará uma nova visão, tanto para as pessoas, quanto para os debates e construções sociais, daqueles marginalizados ao longo dos anos, pela cultura machista e heteronormativa. A teoria Queer trata de dar voz a essas pessoas, não apenas apresentando fatos, mas trazendo para o centro da educação, um debate sobre a construção do que é ser LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queers) dentro da sociedade atual, dentro da educação. Portanto a Teoria Queer e o Currículo Multicultural fazem-se necessário no atual cenário da educação e da sociedade, ao tempo em que os mesmos ganharam maior visibilidade e precisam ser discutidos, onde outrora eram ignorados pela educação e pelos espaços tidos como “plurais”.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero** : feminismo e subversão da identidade. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FRERES, Helena de Araújo; RABELO, Jackeline; SEGUNDO, Maria das Dores Mendes. **O papel da educação na sociedade capitalista: uma análise onto-histórica**. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe_2008/trabalho_completo.php?id=932>. Acesso em: 13 set. 2017.

LARAIA, Roque de Barros. **O desenvolvimento do conceito de Cultura**. In: LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico* . 25. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.cap.04, p.30-52.

LOURO, Guacira Lopes . **Um corpo estranho**: Ensaios sobre sexualidade e a teoria queer. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARTINS, Josemar, **Anotações em torno do conceito de Educação para Convivência com o Semi-Árido**. In: *Educação para a convivência com o Semi-Árido Brasileiro: reflexões teórico práticas*. Bahia: Juazeiro: Selo Editorial RESAB, 2004.

PAVAN, Ruth. **Currículo Multicultural**: Uma Reflexão Indispensável na Formação dos Educadores no Contexto Atual. 2007. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/400.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2018.

SACRISTÁN, J.Cimeno. **O currículo uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Maria José Albuquerque da; BRANDIM, Maria Rejane Lima. **Multiculturalismo e educação**: em defesa da diversidade cultural. *Diversa*, p. 51-66, 2008.



SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.